

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO E CULTURAL DA ZONA DA MATA MINEIRA

ANA PAULA DE PAULA LOURES DE OLIVEIRA¹

LUCIANE MONTEIRO OLIVEIRA²

ABSTRACT

This article presents actions the first stage of the Project “Archaeological and Cultural Mapeamento of the Zona da Mata Mineira” aims identify and to register possible archaeological sites, contributing to preservation of the Historical, Cultural and Environmental Patrimony of the area. For the first stage of activities, we selected ten municipal districts considering geographical characteristics and of the partnerships with administrative organs. As first action, we accomplished an itinerant exhibition of the pieces of the Setor de Arqueoastronomia e Etnologia Americana of UFJF, with aimed to involve the population/comunity, pointing out the importance of its collaboration in the development of the project.

The reached results were satisfactory because they promoted a socialization such a larger visibility of the patrimony associated to the local cultural traditions.

Keywords: Mapeamento; Archeology; Patrimony; Zona da Mata Mineira.

1 Pesquisadora do Núcleo de Etnologia da Religião e Arqueologia Brasileira - NERAB e Prof^ª Visitante do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG

2 Pesquisadora do Núcleo de Etnologia da Religião e Arqueologia Brasileira - UFJF

INTRODUÇÃO

O mote para a elaboração do Projeto “Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira” centrou-se, fundamentalmente, em sua capacidade de contribuir para a preservação e restauração do patrimônio histórico, cultural e ambiental da região. Um bem que, em boa medida, expressa a identidade da população nacional, mas não a determina, na medida em que *a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos. Ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível*, como expressa proficuamente Geertz (1989:24), daí sua importância para o desenvolvimento do conhecimento regional. Para os propósitos deste artigo, optamos por apresentar a ação educativa do projeto.

Mas antes de iniciarmos a descrição da ação educativa, faz-se necessário uma explanação da proposta de pesquisa e os procedimentos de conduta na investigação pretendida.

Cientes de que este trabalho só pode ser realizado em conjunto com a população, sujeito direto no processo de recuperação histórica local, acordos de parcerias foram firmados com as prefeituras envolvidas na primeira fase do Projeto. A seleção de dez municípios entre os 154 circunscritos na Zona da Mata Mineira obedeceu a critérios de interesse e às suas características ambientais. Neste caso, aqueles que estão nos limites da Serra de Descoberto, mais precisamente em torno da Pedra do Relógio. Os eleitos são os seguintes: Chácara, Coronel Pacheco, Goianá, Rio Novo, Guarani, Piraúba, Astolfo Dutra, São João Nepomuceno, Descoberto e Itamarati de Minas.

Visando o alcance das metas pretendidas estabelecemos coordenadas para o esclarecimento da comunidade a respeito de nossos objetivos. A conscientização sobre a importância do patrimônio relacionada à socialização do conhecimento contribui para a sua construção, preservação e usufruto. Nesse processo foram estruturadas as equipes regionais compostas por integrantes do próprio Município, atuando na intermediação e diálogo entre nós pesquisadores e a população local. A idéia se fundamenta em angariar confiabilidade e esforços para a realização dos objetivos propostos.

Traçamos várias frentes de atuação com suportes metodológicos inerentes a cada área, atentando sempre para o caráter multidiscipli-

nar, em que as fronteiras são tênues e de trânsito constante. As pesquisas vão desde a elucidação da documentação oficial a registros etnohistóricos, oralidade, hábitos e práticas cotidianas, etnografia, caracterização geográfica da paisagem, levantamento dos meios bióticos, entre outros.

Para o levantamento dos locais supostamente favoráveis à existência de sítios arqueológicos, os procedimentos de análises espaciais na obtenção de informações sobre o sistema natural são fundamentais. As alterações ocorridas ao longo dos anos, em função da intensificação da ação antrópica e dos impactos sofridos, serão avaliadas a partir do quadro atual do meio ambiente³. Já os procedimentos para o estudo da paisagem estão assentados a partir da definição das “unidades de paisagem”. Sua reconstituição, como apontado por Perasso (1984), é realizada considerando as seguintes etapas: posicionamento topomorfológico, geralmente em colina de vertente ou planície aluvial, pois podem indicar o domínio visual, a insolação, o espaço para instalação do grupo, a atividade econômica e o fornecimento de matéria-prima; as abordagens geomorfológicas para reconhecimento da compartimentação regional em que se inserem os sítios ou sistemas de sítios; o detalhe da inserção de cada sítio na forma de relevo em que se localiza; e o estabelecimento das relações existentes entre o homem e o meio ambiente. Portanto, o mapeamento semidetalhado da geologia, geomorfologia e formações superficiais da área complementadas pela cartografia das formações vegetais são de importância capital para a localização das matérias-primas, existentes nas formações sedimentares da bacia que corta a região.

É o entendimento da relação espaço real e espaço percebido, que permite estabelecer uma identificação social e os valores simbólicos na relação de interação com os aspectos da paisagem. Assim, a escolha do espaço não atende meramente a uma necessidade material, mas tem implicações de cunho simbólico.

As atividades de caracterização geológica⁴ serão processadas pelos profissionais do Departamento de Geociências da UFJF, que realizarão, para a área em estudo, os perfis litoestratigráficos, objetivando

3 Essas atividades serão coordenadas pela Prof^a Dr^a Ana Paula Loures de Oliveira.

4 Coordenação do Prof. Dr. Geraldo César Rocha do Departamento de Geociências da UFJF.

conhecer os tipos de rochas presentes, suas características estruturais e de importância ambiental, assim como sua estratigrafia, ou seja, a seqüência de camadas onde poderão estar alojados os artefatos arqueológicos. Serão organizados croquis esquemáticos dos afloramentos rochosos com suas características ou indicadores ambientais geológicos favoráveis à preservação de sítios arqueológicos. O uso e interpretação das fotografias aéreas da área de estudo serão ferramenta indispensável não só para o mapeamento geológico expedito, como para auxiliar no traçado de roteiros e plotagem dos tipos de rochas existentes, suas características e contato entre as unidades.

Os solos serão avaliados através do estudo das topossequências, ou seja, agrupamentos de tipos pedológicos de acordo com as características topográficas locais. São normalmente adotados os procedimentos de Lemos e Santos (1984) para as descrições morfológicas e ambientais dos perfis de solos. Serão caracterizados e amostrados os horizontes de cada solo, os quais serão encaminhados para laboratório para análises físicas e químicas de rotina. Dados como textura do solo, dinâmica de água, compactação e porosidade, são importantes índices pedológicos que podem ser relacionados com áreas potenciais para sítios arqueológicos. Dados químicos como o pH (potencial hidrogênio iônico) pode ser indicativo de condições ambientais favoráveis ou desfavoráveis ao grupamento e ocupação humana. Aqui também a utilização das fotografias aéreas verticais será valorizada como ferramenta de apoio aos estudos pedológicos.

O emprego das técnicas dos sistemas de informação geográfica (SIG) e do geoprocessamento será uma constante para a manipulação dos dados relativos ao meio físico. Sabe-se que essa metodologia é ideal quando se trata de interpretação e cruzamento de dados em área (duas dimensões). Será empregado o sistema SAGA (Sistema de Análise Geoambiental), desenvolvido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Xavier da Silva e Goes, 1996). O geoprocessamento será usado tanto na fase de plotagem e distribuição geográfica dos sítios arqueológicos, assim como nos trabalhos posteriores de detalhe em cada sítio específico.

Já a pesquisa documental⁵ fornecerá o arcabouço necessário à compreensão dos confrontos entre os indígenas que habitavam a região e

5 Coordenação da Prof^ª Dr^ª Mônica Ribeiro de Oliveira.

as entradas e bandeiras, bem como a seqüência do povoamento colonial, culminando com a fundação dos atuais municípios. Nesse contexto as práticas da política indigenista imputadas pela Coroa Portuguesa, pelo Império e pela República são essenciais para a compreensão dos processos de dizimação e “integração” dos grupos étnicos locais. Concomitantemente, os relatos e crônicas de naturalistas e viajantes são contemplados, visando o esclarecimento de diferentes modos de vida dos referidos grupos, bem como a confrontação de dados documentais geridos pelos órgãos oficiais. Essa pesquisa servirá de base para o registro da tradição oral, no que se refere à transmissão do conhecimento, que possibilita organizar um “corpus de tradições” evidenciado em práticas coletivas⁶. Embora este repertório seja aberto, o que reflete a dinâmica da sociedade inscrita no contexto atual, o seu resgate é possível, pois as formas de percepção e as práticas sociais cotidianas estão expressas na fluência de informações e nos processos de transmissão. Nesse momento há uma associação de metodologias da História Oral e da Antropologia, voltada principalmente para as populações rurais, ressaltando, tanto a narrativa oral, quanto os ofícios tradicionais, como a música, a culinária, os aspectos simbólicos/religiosos e o artesanato, entre outros.

Entre os diversos ofícios tradicionais de fácil verificação, está o conhecimento de ervas e plantas medicinais populares. Sua catalogação e coleta para análise farmacológica, serão estudadas a partir das formas de processamento da matéria prima e seus usos, empregando as técnicas de entrevista oral e aplicação de questionário específico, bem como a observação participante⁷. A idéia é socializar o conhecimento a partir da criação de hortas comunitárias e divulgação, por meio de canais de comunicação e expressão, informando sobre as propriedades da diversidade de material a ser disponibilizado.

O levantamento florístico⁸ será realizado a partir de coletas do material botânico no entorno da área dos sítios arqueológicos, através de caminhadas aleatórias em diferentes trechos, priorizando os diver-

6 Coordenação da Prof^ª Luciane Monteiro Oliveira.

7 Coordenação do Prof. João Batista Picinini Teixeira do Departamento de Farmácia e Bioquímica da UFJF.

8 Coordenação da Prof^ª Dr^ª Fátima Regina Salimena do Departamento de Botânica da UFJF.

tos tipos vegetacionais presentes nestas áreas. No momento das coletas serão anotadas no caderno de campo características como a altura; alguns aspectos internos e externos da casca; tipo de ramificação; pilosidade e coloração dos ramos, folhas, flores e frutos; presença de lenticelas, látex, espinhos, acúleos, odores característicos, assim como outros atributos considerados pertinentes para a identificação taxonômica, que será realizada com auxílio de literatura especializada, consultas a herbários e a especialistas, adotando-se o sistema de classificação de Cronquist (1988).

Com o mapa fitogeográfico, fitossociológico, florístico e taxonômico, serão inventariadas a vegetação da Zona da Mata Mineira, visando minimizar os impactos negativos acarretados pelas ações antrópicas. A vegetação local será cartografada em mapas temáticos a partir de observação de campo e análise da flora.

A valorização desses espaços permitirá o resgate da história das suas próprias comunidades passadas e presentes, levando a uma consciência cultural e ambiental mais proveitosa. Os recursos naturais de uma região, bem como a relação e o conhecimento que as comunidades nativas têm desses ambientes, constituem patrimônios naturais e culturais da nação brasileira, cabendo a todos nós a preservação desses espaços e suas tradições.

Por fim, para a sistematização dos dados e elaboração de estratégias de valorização do Patrimônio será necessária a criação de um sistema de informações e de arquivo informático para gerenciar e divulgar o patrimônio. A automação do projeto⁹ será desenvolvida através da especificação de software e hardware de utilização geral. Será criado um banco de dados específico para identificação e catalogação dos sítios arqueológicos, quando serão processadas as informações contidas nas fichas de registro e documentação resultante das pesquisas afins. Serão projetadas e elaboradas apresentações em multimídia, contendo todo o andamento do projeto e seus resultados. A página será disponibilizada na Internet em provedor da UFJF, sendo atualizada e mantida durante todo o período de

9 Coordenação do Prof. Dr. José Alberto Castañon do Departamento de Engenharia Civil da UFJF.

atividade do projeto. A automação apoiará, ainda, as atividades da fase de geoprocessamento, que incluirá cálculos de planilhas e cadernetas de campo, entrada de dados no software escolhido e tratamento dos resultados obtidos.

Todos esses empreendimentos, além de sua preocupação investigativa, tem por finalidade a valorização do Patrimônio. Logo, se pretendemos a socialização do conhecimento proporcionado por este legado cultural, foi vital a realização de todo um trabalho pedagógico. Dada a complexidade de informações oriundas dessa rede de atividades, optamos por uma ação educativa, voltada para a comunicação visual, complementada por um agente intermediador das percepções do observado, permitindo assim a compreensão do proposto.

Assim, partindo de experiências anteriores aliadas à eficácia pedagógica informativa, propomos a realização de exposições, estruturadas a partir do acervo arqueológico e etnográfico do Setor de Arqueoastronomia e Etnologia Americana da Universidade Federal de Juiz de Fora, bem como de oficinas.

O arcabouço de nossa preleção educativa está assentado nos postulados da hermenêutica e do pós-estruturalismo, focalizando os elementos como a percepção, a representação e a aprendizagem. Levamos em consideração, portanto, as histórias individuais, entendidas também como patrimônio e as práticas cotidianas, ou *habitus*, enquanto aspectos da prática cultural e relações sociais, concretizando um modo de vida específico, pois como afirmado por Bourdieu, *há uma reprodução dos costumes de uma sociedade, resultando em mudanças na percepção e expressão de identidade étnica pelos indivíduos, assim como na representação da identidade do grupo como um todo* (ibid, 1992:91).

Nos aportamos, pois, em três eixos para a elucidação do proposto: 1) a relação entre patrimônio/legado cultural e identidade cultural; 2) noção de alteridade e diversidade e 3) processos de re-construção e re-elaboração do conhecimento.

ESTRATÉGIAS DE AÇÃO E INTERAÇÃO

a) Exposição “Além dos 500 anos”

A exposição itinerante, denominada “Além dos 500 anos”, percorreu os municípios de Guarani, Itamarati de Minas, Rio Novo, São João Nepomuceno, Piraúba e Astolfo Dutra no período de janeiro a março de 2001, encerrando em Juiz de Fora, por ocasião da Semana Cultural “O Saber Local”, na segunda quinzena de abril (cf. Loures de Oliveira & Monteiro Oliveira, 2001:11-13).

Sua estrutura foi elaborada obedecendo a um roteiro e a uma sequência de temporalidade. Salienta elementos do meio ambiente e a relação que o ser humano estabelece com o mesmo na apropriação de seus recursos. A exposição seguiu uma disposição espacial que permitisse ao visitante acompanhado por um monitor, compreender o demonstrado. Foram ao todo seis vitrines de estrutura metálica, com frente, laterais e teto em vidro. Estas possuem dois metros de altura por um e meio de comprimento e um metro de profundidade. Disponíveis à ordenação do acervo estão 2,25 metros cúbicos, contextualizados por um painel ilustrativo ao fundo, cuja intenção é possibilitar uma melhor percepção dos usos, funções e significados dos artefatos apresentados, bem como o *modo vivendus* daqueles que os produziram (cf. Loures Oliveira, 2001).

A primeira expositora apresentou alguns aspectos do cotidiano de uma determinada comunidade pré-colonial no Brasil, enfocando o meio ambiente, os instrumentos empregados em diversas atividades e formas de expressão e comunicação. A finalidade foi provocar no sujeito a percepção de diferenças por meio do legado de práticas culturais e da documentação material. Nesta vitrine foram expostos artefatos líticos como machadinhas, lascadores, pontas de flecha, polidores, bem como

10 Esta cena foi idealizada com base em nossas experiências de campo em arqueologia, mais precisamente nas escavações do Sítio do Meio em São Raimundo Nonato, sob a coordenação de Niède Guidon.

restos de animais, que caracterizam uma suposta cena do cotidiano do homem pré-histórico no Brasil¹⁰.

Passando à próxima expositora, o observador era surpreendido com a mesma cena ao fundo, contudo, sofrendo uma intervenção arqueológica. O objetivo era demonstrar as possibilidades de resgate do passado através de técnicas e métodos da Arqueologia. Evidenciou-se aqui a estratigrafia do solo - em que foi possível verificar a cronologia -, as transformações da paisagem, indícios de assentamentos humanos, restos materiais como ferramentas e utensílios, vestígios ósseos de animais e humanos, além de todo tipo de alterações promovidas pelo tempo. Chamamos a atenção não só para os artefatos expostos e o processo de recuperação das informações neles contidas, mas também para a importância de não se empreender tal atividade sem a presença de um profissional especializado. As informações serão passíveis de interpretações somente se seus contextos não forem alterados, por isso a importância de se reportar ao arqueólogo tão logo seja detectado o primeiro vestígio no solo. Através da observação das estruturas, a equipe de arqueologia pode inferir a respeito dos modos de funcionamento dessa população. Essa inferência pode ser realizada em alguns casos através de analogias comparativas de aspectos da vida de sociedades indígenas contemporâneas considerando-se a temporalidade e a semelhança dos vestígios.

Desse modo, as três expositoras que se seguem apresentaram alguns aspectos do cotidiano da sociedade indígena Maxakali, situada no nordeste do Estado de Minas Gerais. Por ser uma sociedade que sofreu, durante o processo colonizador, imposições de desagregações em suas formas de vida, sua especificidade está na resistência e nas estratégias de sobrevivência de suas tradições culturais.

Nesse momento, objetivando chamar a atenção para a alteridade e a diversidade cultural, o monitor explicita ao observador como a escolha dos espaços por seus antepassados se deu em função das características ambientais e dos recursos das fontes de provento. Eram considerados ambientes propícios à subsistência, segurança e defesa, assim como de sentido simbólico para o grupo. Geralmente, as áreas ocupadas eram matas fechadas, cercadas por cursos d'água para dificultar o acesso, ou espaços mais elevados, onde fosse possível visualizar a chegada de estranhos.

Os espaços condicionam o comportamento social dos Maxakali, pois constituem um valor social. A economia exercida por seus membros é basicamente a agricultura de subsistência, a caça e a pesca. O grupo se organiza em aldeias distribuídas por toda a área, que são constituídas a partir das relações de parentesco. São núcleos familiares formados em torno da liderança ritual, geralmente o membro mais velho da família. As habitações são estruturadas em semicírculo, encerradas pela casa dos espíritos - casa da religião. Os espaços de atuação dos indivíduos são definidos em doméstico/externo/feminino e ritual/interno/masculino. Portanto, a divisão social do trabalho é sexual, e está intimamente ligada ao universo simbólico/religioso (Monteiro Oliveira, 1999).

A divisão do trabalho social por sexo demonstra como cada pessoa desempenha seu papel na sociedade. Essa divisão está inscrita na cosmologia, ou seja, na forma como o grupo percebe o universo. Portanto, está relacionada ao comportamento social e à sua atuação no espaço. Para o entendimento do observador, exploramos esse aspecto na produção da materialidade cultural do grupo.

Os homens manipulam a madeira e fibras vegetais para a produção de instrumentos, arcos, flechas e trançados necessários para a realização de suas atividades como a caça e a pesca, por exemplo. Cena que contextualizou a terceira vitrine. As mulheres são responsáveis pela tecelagem das fibras e fios vegetais, pela produção de vasilhames de cerâmica, pela manufatura de redes de pesca e de dormir, além de adornos como colares, pulseiras e outros. Foi, pois, o contexto feminino representado na quarta vitrine.

Essas ações expressam como o grupo se organiza nos espaços sociais. Aos homens cabe o papel de socialização e proteção, portanto, a realização dos rituais é de responsabilidade destes, que convidam os espíritos para partilharem de sua vida na terra. A participação da mulher é indireta, já que enquanto provedora e mantenedora da cultura, se responsabiliza pelo preparo dos alimentos oferecidos durante os rituais, caracterizando o espaço doméstico.

Finalizando o circuito de visita, o observador se depara com uma expositora “vazia”. Este foi na verdade o espaço interativo, uma forma de incitar a população local para sua responsabilidade no processo de recuperação da memória e passado cultural. Ao final de cada exposição, foi possível verificar os resultados de nossos propósitos, na medida em que esta vitrine se encontrava, na maioria das vezes, repleta de

artefatos indígenas encontrados no próprio município, bem como por documentos históricos e obras produzidas pelos integrantes da comunidade.

Os visitantes, em sua maioria, demonstraram curiosidade, bem como reconhecimento e identificação com cenas e artefatos expostos. A princípio, os observadores se aproximavam, pensando encontrar algo muito distante e exótico, principalmente quando diviavam, ao primeiro olhar, elementos pouco comuns ao seu cotidiano. Não obstante, após o término da mediação das informações, estes passavam à reflexão e assim à reordenação de suas idéias. Houve, muitas vezes, uma empatia ao observado, rememorando histórias de seus antepassados em uma identificação com o exposto.

Quando ocorre uma mediação há uma reelaboração dos saberes: diálogo e múltiplos interlocutores. Entre as crianças, a distinção é mais clara. A nossa meta, o resgate do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental e o modo como o sujeito entende essa preocupação, apresentou algumas singularidades. Compreender a percepção dessas crianças e adolescentes ao conteúdo proposto, sem maiores alterações em nossas estratégias de apresentação, diz muito sobre os interesses acerca da valorização e resgate de suas raízes culturais.

b) Oficinas “Expressões Tecnológicas”

Em uma outra abordagem da relação de alteridade e diversidade cultural a partir da experimentação de sentidos vivificados foram as oficinas. Denominadas “Expressões Tecnológicas” foram especificamente voltadas para as crianças do ensino fundamental. Teve por objetivo explicitar as diferenças culturais por meio das variáveis de expressões

11 Como afirma TASSINARI (1995:445), “... trabalhar o tema indígena com os alunos é também fazê-los conhecer melhor a realidade do país e refletir sobre a nação que almejam para o futuro. Mas ainda, um trabalho com a questão indígena permite tratar da crítica aos preconceitos, desenvolver a aceitação daqueles que não são iguais a nós, e exercitar o respeito à diferença em geral, seja ela de gênero, de cor, de religião, de constituição física ou, como neste caso, a diferença étnica e cultural.”

estéticas e da manipulação de matéria-prima para construção de utensílios empregados em vários âmbitos da vida diária de sociedades indígenas¹¹. Nossa preocupação foi a de observar como a criança percebe o domínio de diferentes tecnologias e as dificuldades para o seu processamento, e através dessa experiência, como compreende a pluralidade de culturas.

A realização das oficinas teve como fim favorecer a construção pelo aluno da noção de diferença, semelhança, transformação e permanência de práticas e saberes culturais. Enfim, estabelecer uma identificação/distinção do “eu”, do “outro” e do “nós”, das práticas e valores particulares de indivíduos ou grupos e dos significados que são coletivos em uma época. Essa percepção interage na cognição dos indivíduos, dinamizando o modo como os elementos do universo são apreendidos e as relações que esses elementos estabelecem entre si. É uma outra estratégia que permite ao sujeito passar do domínio da abstração e da imaginação ao do sentido pela experimentação, de modo que ocorra a reordenação do mundo percebido, em que o entendimento do outro é mediado por comportamentos e por experiências pessoais e da sociedade em que vive.

Essas oficinas foram realizadas com alunos de escolas particulares e da Rede Pública de Juiz de Fora no espaço do Campus da UFJF, no dia 19 de abril de 2001, ocasião que se comemora o Dia Internacional do Índio. Optamos pelo trabalho com crianças do ciclo básico do Ensino Fundamental pela espontaneidade desses sujeitos no convívio com a alteridade, isentos de idéias preconcebidas. O convite foi estendido a aproximadamente cento e doze Instituições de Ensino Fundamental de Juiz de Fora. Como pré-requisito à participação foi estabelecido que cada escola poderia levar apenas uma turma de até trinta alunos. Demonstrado o interesse, enviamos textos específicos sobre o grupo indígena Maxakali, para que fossem trabalhados previamente com as crianças que participariam das oficinas. Confirmadas as pre-

12 João Bidé e Margarida com a filha Raquel, Major e Taciara com a menina Ciara, Te Luiz e Carmem Silva com o filho Netinho, Eurico e Maria José com o recém-nascido Paulo, Ismail e Janaína com o filho Josemar permaneceram em Juiz de Fora de 16 a 22 de abril durante as atividades da Semana Cultural “O saber local”. Três dias foram suficientes para a construção das habitações, neste período as mulheres aproveitaram a oportunidade para expor e vender seu artesanato.

senças, as escolas foram divididas em dois períodos de atividades: de 13 às 15 horas e de 15 às 17 horas.

O grupo indígena Maxakali estava representado por quinze indivíduos, cinco casais e seus respectivos filhos¹². Intermediando as ações, contamos com quatro coordenadores e dezesseis monitores¹³. A interação ocorreu em uma área do tamanho aproximado de um campo de futebol, na qual foram construídas habitações típicas das aldeias Maxakali. Representativas eram a casa dos espíritos, esfera de ação restrita aos homens e uma moradia, que delimitava o espaço doméstico e feminino. O objetivo do grupo com esta apresentação foi demonstrar aspectos de sua cultura como a forma de organização espacial e social, proporcionando aos visitantes a oportunidade de vislumbrar e experimentar elementos do seu cotidiano. Em outras palavras, foi uma tentativa de desmitificação da imagem distante e romântica que se tem sobre os grupos indígenas no Brasil.

Nesse “locus” de interação, foram promovidas várias oficinas simultâneas, com atividades de pintura corporal, manipulação da argila e de danças. Estavam presentes aproximadamente oitocentas crianças de quinze escolas, distribuídas pelas oficinas que obedeciam à estrutura de uma aldeia Maxakali. O espaço central foi reservado a atividades típicas do âmbito sócio-ritual, como o canto, a dança e a pintura corporal. Ações que estão intimamente relacionadas aos momentos de festas e confraternizações, marcadas pela reciprocidade e partilha dos bens materiais e simbólicos do grupo. Já a esfera doméstica contextualizou as oficinas de argila¹⁴.

A reação da criança foi de intensa euforia, o que interferiu um pouco na organização. Foi estabelecido um sistema de rodízio para que todos pudessem participar. Concomitante às atividades, os coordenadores chamavam a atenção dos participantes para o conteúdo simbólico do fazer do grupo, estabelecendo sempre um referencial com a reali-

13 Os monitores são em sua maioria estagiários do Setor de Arqueoastronomia e Etnologia Americana, oriundos dos cursos de História, Geografia, Artes Plásticas, Pedagogia, Letras, Biologia, Farmácia e Turismo da UFJF.

14 Cabe a ressalva de que estas oficinas poderiam ser também de lascamento e polimento de rochas, entalhe da madeira, entrelaçamento de fibras, tecelagem de fios vegetais e produção do fogo. A facilidade de aquisição e manipulação da matéria-prima, determinou a opção pela argila.

dade da criança. No caso da pintura corporal, a estética e o belo foram explorados no sentido de demonstrar como o indivíduo se apresenta para a sociedade. Ressaltamos o uso de corantes naturais, o que já responde pela relação com a natureza. As danças, marcadas pelo ritmo dos chocalhos e cantos dos membros do grupo, encerravam essa experiência.

Nas oficinas de argila, as crianças experimentavam as dificuldades de manejo da matéria-prima para se alcançar a forma idealizada. Nesse processo, salientamos o surgimento da cerâmica como um avanço tecnológico para as sociedades em todo o mundo, transformando o comportamento e a economia do homem. O processamento da argila, desde a retirada do meio natural e o manejo para a produção de vasilhames e peças decorativas, requer um domínio de técnicas específicas. Assim, as tecnologias foram explanadas, demonstrando que sua simplicidade não implica em um atraso cultural, mas em formas diferenciadas de se relacionar com o meio natural e o universo cosmológico.

Portanto, o prazer estético nessa experimentação transcendeu à abstração do conhecimento, pois houve uma integração da experiência sensível espontânea com o desenvolvimento intelectual, o que possibilita alcançar a profundidade das maneiras de ser e de viver. De certo modo, essas atividades contribuíram para a aquisição de novos domínios cognitivos, aumentando o conhecimento sobre si mesmo, seu contexto social, sua região, seu país, sobre o mundo e outras práticas sociais, culturais, políticas e econômicas construídas por diferentes povos.

Consideramos, portanto, que a apreensão dos sentidos, principalmente de crianças e adolescentes, perpassa pelo exercício da prática de ver, observar, ouvir, atuar, tocar e refletir. A aquisição de códigos culturais diversos, e novas habilidades são incorporadas em suas atividades a partir de uma experimentação lúdica. Essa ressignificação, vivificada e percebida nas formas de expressão estética e na dificuldade de dominar a matéria-prima, é vital para o entendimento das diferenças tecnológicas. São experiências que contribuem para o desenvolvimento da formação intelectual do indivíduo, para o fortalecimento de seus laços de identidade com o presente e com as gerações passadas, além de orientar suas atitudes como cidadão no mundo de hoje. O processamento de novas informações em relação ao já existente acena com as possibilidades de sua

atuação na permanência ou na transformação da realidade histórica na qual se insere.

RESULTADOS

Os resultados parciais obtidos durante as estratégias de ação do referido Projeto nos conduziram a uma reflexão de nossa prática e de nosso discurso. Portanto, o processo de transmissão do conhecimento e intermediação realizado em diferentes espaços e com interlocutores distintos nos é entendido como uma atividade na qual o indivíduo tem a oportunidade de rever seus preconceitos. Essa relação de troca é realizada como ato contínuo, mobilizando toda a história de vida do sujeito, com suas crenças e valores, para se estabelecer um ponto de interseção e convivência com as estruturas de funcionamento de vários segmentos de nossa realidade.

A partir desse entendimento, podemos afirmar que as maneiras como interpretamos o mundo e os estímulos que dele recebemos são determinados pelo contexto sócio-cultural em que vivemos. O conhecimento é, portanto, uma construção múltipla entre os interlocutores e o seu mediador. O que interessa aqui não é a fórmula das equações de troca de saberes, mas sim a importância de seu conteúdo, integrando o “corpus” de informações que ele traz consigo e que é revelado durante o processo de intermediação.

Para que essa interação seja possível, temos que nos sensibilizar para as percepções de universos particulares a cada comunidade, bem como para as tradições que são interiorizadas e transmitidas ao longo dos tempos. Tal atividade constitui prática inerente a toda sociedade e expressa em todos os aspectos de sua cultura e relações sociais, concretizando um modo de vida específico. Tivemos, nesse processo, uma preocupação com aspectos norteadores para a construção da cidadania, como o pluralismo cultural e suas implicações éticas.

Como salientado nos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC, 1998), toda a ação voltada para a educação deve considerar a realização de aprendizagens específicas. Com isso, o aluno ou qualquer outro interlocutor terá melhores condições de se posicionar diante das questões coletivas, superar as diferenças e interagir de forma responsável.

Portanto, estabelecer em nossa prática, associações entre aprender teoricamente e experimentar sensações é fundamental no entendimento da etnicidade e valorização do patrimônio cultural. Para a construção da cidadania são relevantes as relações de autonomia, criação e recriação dos conteúdos: valores, procedimentos e concepções a eles relacionados. A autonomia aqui é entendida como alteridade que perpassa os processos coletivos.

Como as crianças e adolescentes estão sujeitos a freqüentes transformações, acreditamos que após esse momento de apreciação e experimentação os mesmos obtiveram elementos para uma reelaboração de seu sistema de valores, interagindo com sua história de vida pessoal - modo como age, reage e interage em seu contexto (cf. Moita, 1992).

A formação e a cognição subentendem uma troca de experiências, na qual é estabelecida uma distinção entre identidade pessoal e identidade social. Essa relação com a alteridade e diversidade, necessárias para a construção da identidade se dá através de variáveis documentais, da multiplicidade de linguagens, de características sociais, materiais e culturais, ou seja, de singularidades de representações e comunicações associadas à apreensão dos sentidos nos meios sócio-culturais específicos.

Desse modo, podemos dizer que para os objetivos propostos nesta ação obtivemos sucesso junto à população dos municípios supracitados na compreensão do patrimônio histórico, cultural e ambiental nas relações de alteridade e diversidade. Essa percepção tem vários significados, mas fundamentalmente está correlacionada com a experiência dos sentidos afetivos que norteiam toda a apreensão de conhecimentos.

Ficou constatado que o estímulo à sensibilidade e a história de vida pessoal são fundamentais em qualquer mediação. Logo, compreender etnograficamente é na verdade uma busca incessante de entender as formas como o mundo se estrutura e o papel que desempenhamos nesse mundo. Portanto, é nos enxergarmos como partículas que integram esse todo em constante transformação. A cada minuto registramos novos dados e adquirimos novas informações que requerem mecanismos múltiplos para processarmos esse conhecimento, empre-

gando meios diversos de mediação e de interlocutores. Essa troca requer uma intervenção e também um abrir-se para ser afetado.

BIBLIOGRAFIA

BORG DAN, R.C.; BIKLEN, S.Q. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto, 1994.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CARDOSO OLIVEIRA, R.. Leitura e cultura de uma perspectiva antropológica. In: **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Brasileiro. 1988:189-200.

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. RJ: Jorge Zahar Ed., 2001.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GEERTZ, C. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1989.

GOTTOWIK, V. **Konstruktionen des Anderen: Clifford Geertz und die Krise der ethnographischen Repräsentation**. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1997.

LOURES OLIVEIRA, A.P.P. (org.) **Catálogo da Semana cultural o “saber local”**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2001.

LOURES OLIVEIRA, A.P.P. **Catálogo do museu de arqueologia e etnologia da UFJF**. Juiz de Fora: MEC/FNDE – FAPEMIG, 1993.

LOURES OLIVEIRA, A.P.P. Setor de Arqueoastronomia e Etnologia Americana: uma proposta educativa. In: **Preparação dos 500 anos de Hispano-América**. Juiz de Fora: UFJF/FAPEMIG, 1991:57-59.

LOURES OLIVEIRA, A.P.P.; MONTEIRO OLIVEIRA, L.. Semana cultural o saber local. In: LOURES OLIVEIRA, A.P.P. (org.) **Catálogo da Semana cultural o “saber local”**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2001.

LOURES OLIVEIRA, A.P.P.; MONTEIRO OLIVEIRA, L.. Para uma etnografia dos saberes: as estratégias de ação do Projeto de Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira. In: **Pesquisa Qualitativa: crianças e adolescentes em perspectiva**. Documento Base do 1º Painel Interinstitucional de Investigação Qualitativa. Juiz de Fora: UFJF/Siegen Universität, 2001.

MOITA, M.C. Percursos de formação e de transformação. In: NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Porto: Porto Ed. 1992:111-139.

MONTEIRO OLIVEIRA, L.. **A produção cerâmica como reafirmação de identidade étnica Maxakali: um estudo etnoarqueológico**. São Paulo: USP. 1999 (Dissertação de Mestrado).

MONTEIRO, R.A. Pesquisa em educação: alguns desafios da abordagem qualitativa. In: MONTEIRO, R.A. (org.). **Fazendo e aprendendo pesquisa qualitativa em educação**. Juiz de Fora: FEME/UFJF, 1998:7-22.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAL: Pluralidade cultural. Brasília: MEC/SEF, 1997:15-103.

REIS, J.V. Escola rural e cotidiano: como alunos apropriam conhecimento científico. In: MONTEIRO, R.A. (org.) **Fazendo e aprendendo pesquisa qualitativa em educação**. Juiz de Fora: FEME/UFJF, 1998: 393-413.

SILVA, A.L.; GRUPIONI, L.D.B. (org.) **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/ MARI/UNESCO, 1995.

TASSINARI, A.M.I. Sociedades indígenas: introdução ao tema da diversidade cultural. In: SILVA, A.L.; GRUPIONI, L.D.B. (org.) **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995:445-479.